

Comunicação mediada, comunicação limitada (1/3)

Toda a comunicação mediada está, segundo Fidler (1997:49), sujeita a limitações determinadas pelo espaço e pelo tempo.

A primeira limitação é o acesso aos meios necessários. Nem todas as escolas, por exemplo, possuem esses meios, nem todos os meios que as escolas possuem estão acessíveis a professores e alunos de todas as turmas.

Uma outra limitação é a necessária alfabetização informacional (*information literacy*, expressão usada pela *American Library Association*) que a escola ainda não potencia para a totalidade dos seus alunos, professores ou funcionários. Louvem-se os esforços neste domínio, que constituíram o Projecto Minerva, a formação contínua de professores e funcionários, desde 1993, e, mais recentemente, o Programa Nónio.

Ao nível psicológico as particularidades da comunicação virtual, segundo Suler (1998:2-4), afiguram-se como limitações. É o caso da experiência sensorial limitada do outro, no que respeita a voz ou outra expressão corporal, o estado de consciência que se assemelha ao sonho, que caracteriza os indivíduos para quem a utilização do computador se tornou um vício, ou a sensação de buraco negro (*black hole experience*) associada à comunicação frustrada por erros de *hardware* ou de *software*.

A Comunicação mediada, comunicação limitada (2/3)

Outras referências neste domínio apontam para a solidão associada à comunicação mediada por computador. Loughlin (1993:1-9), designa-a por solidão virtual (*virtual solitude*) e justifica-a por este meio nos “deixar sozinhos” a comunicar com pessoas que desconhecemos, reduzidas a caracteres numa linha escrita no écran. No limite, ainda segundo este autor, corremos o risco de sofrer o fenómeno da privatização (*privatization*), conceito introduzido por Marshall McLuhan, Alvin Toffler e Neil Postman. Trata-se de uma visão preocupante para o futuro da comunicação interpessoal. À medida que o entretenimento e a informação ficam mais e mais disponíveis nas suas próprias casas, as pessoas terão tendência a procurá-los, cada vez menos, no exterior. O contacto interpessoal diminui e, no absurdo, deixaria de existir, o que poria em causa, certamente, a sobrevivência da Humanidade.

Outras limitações são de carácter físico, inerentes à arquitectura, técnica e ergonomia dos meios utilizados. Weisberg (1992:7), por exemplo, refere desconforto visual, dores de cabeça, visão dupla ou enevoada, como algumas das consequências de um uso prolongado de VDT's (*Video Display Terminals*). Um outro aspecto é o design da interface do computador, que segundo Negroponte (1996:104-107), teve em Licklider o primeiro investigador a preocupar-se com sua ergonomia e funcionalidade através do artigo *Man-Computer Symbiosis* que publicou em Março de 1960. A investigação que então se desenvolveu foi orientada no sentido da interactividade e da riqueza sensorial.

Comunicação mediada, comunicação limitada (3/3)

No futuro, as interfaces dos computadores passarão, segundo Negroponte (1996:110-111) a ser inteligentes, suportadas “na delegação e não na língua”, amplificando a comunicação entre o utilizador e o computador. Para além disso, este mesmo autor, considera que os computadores vão passar a olhar para nós mais cedo do que se pensa. Trata-se de um desafio técnico a dar os primeiros passos, mas já com resultados no âmbito militar, na condução de veículos ou de mísseis, por exemplo. Num futuro próximo o computador será capaz de nos reconhecer, interpretar expressões faciais e os nossos gestos.

Nas visões que possamos construir do futuro, a que nos habituou a ficção científica, os conceitos de vida e de *media* aparecem indissociáveis, como considera Fidler (1997:121), dando como exemplo o aparecimento de um dispositivo futurista – o *teleputer*, que resultará da “fusão” entre a televisão, o telefone e o computador, ferramenta única associada às superautoestradas da informação (*information superhighways*), com potencialidades no âmbito da Comunicação Educativa difíceis de imaginar. Para este mesmo autor a *mediamorphosis*, a transformação dos meios de comunicação provocada pela interacção complexa entre necessidades reconhecidas, pressões políticas e inovações sociais e tecnológicas, continuará a modificar os *media* e a modelar a comunicação interpessoal dentro e fora da Escola.